

A pesquisa e o tema da subjetividade em educação*

Fernando Luis González Rey

A subjetividade representa um macroconceito orientado à compreensão da psique como sistema complexo, que de forma simultânea se apresenta como processo e como organização. O macroconceito representa realidades que aparecem de múltiplas formas e em suas próprias dinâmicas modificam sua auto-organização, conduzindo de forma permanente a uma tensão entre os processos gerados pelo sistema e suas formas de auto-organização. Essas estão comprometidas de forma permanente com todos os processos do sistema. A subjetividade coloca a definição da psique num nível histórico-cultural, no qual as funções psíquicas são entendidas como processos permanentes de significação e sentidos. O tema da subjetividade nos leva a colocar o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual.

As subjetividades social e individual atuam na qualidade de constituintes e constituídas do outro e pelo outro. Isso conduz a uma representação do indivíduo na qual a condição e o momento atual de sua ação expressam, o tempo todo, sentidos subjetivos procedentes de áreas diferentes de sua experiência social, que passam a se constituir como elementos de sentido de sua expressão atual. Assim, dessa perspectiva, o sujeito que aprende expressa a subjetividade social dos diferentes espaços sociais em que vive no processo de aprender. Nenhuma atividade humana resulta numa atividade isolada do conjunto de sentidos que caracterizam o mundo histórico e social da pessoa.

O impacto que tudo isso tem para a educação é muito grande, porque influencia mudanças na teoria, na metodologia e nas práticas educativas. A sala de aula não é simplesmente um cenário relacionado com os processos de ensinar e aprender. Nela aparecem, como constituintes de todas as atividades aí desenvolvidas, elementos de sentido e significação procedentes de outras

* Texto apresentado no GT-20 – Psicologia da Educação, durante a 24ª Reunião Anual da Anped, 2001.

“zonas” da experiência social, tanto de alunos quanto de professores. Na sala de aula se geram novos sentidos e significados, que são inseparáveis das histórias das pessoas envolvidas, assim como da subjetividade social da escola, na qual aparecem elementos de outros espaços da própria subjetividade social.

Essa representação da educação apresenta a escola numa relação inseparável com a sociedade como um todo, assim como inseparável das histórias singulares de seus protagonistas, que são outra expressão da subjetividade social, que aparece diferenciada nas histórias individuais. Dessa perspectiva, as funções da escola deixam de aparecer como processos isolados e fragmentados, para aparecer como momentos de sistemas mais complexos, dentro dos quais se constituem em sua significação e sentido. O aluno na escola não expressa só sua condição escolar, mas sua condição social em geral; daí a importância da ponte entre a psicologia social e a educativa que se vem apresentando na literatura (González Rey, 1997; Duveen. G. 2000). O trânsito entre a educação e outras formas de conhecimento social só é possível se compreendemos uma ontologia da psique humana que nos permita explicar o trânsito permanente de diferentes sentidos sociais nos momentos atuais dos sujeitos e dos cenários educativos.

A compreensão do lugar da subjetividade na educação nos leva a abandonar, por um lado, a naturalização dos processos associados à educação e, por outro, a compreender os diferentes momentos do processo educativo através dos processos de significação e sentido gerados em diferentes zonas do tecido social. Essa compreensão leva à superação de um conjunto de dicotomias que historicamente tem estado na compreensão da educação, como a dicotomia entre o social e o individual, o afetivo e o cognitivo, entre outras, o que traz um conjunto de conseqüências para as representações dominantes até hoje na educação, entre as quais gostaríamos de especificar as seguintes:

- O espaço educativo é um espaço de convergência, divergência e contradição social, no qual entram em jogo inúmeros sentidos e significações da sociedade também presentes em outras formas de vida social e que historicamente se têm mantido ocultos à teoria e à pesquisa educativa;

- A educação é uma função de toda a sociedade, que, de fato, é exercida com maior ou menor consciência numa diversidade de espaços sociais que, de forma crescente, influenciam a ação das pessoas e dos grupos sociais;
- O objetivo da educação não é simplesmente o de efetivar um saber na pessoa, mas seu desenvolvimento como sujeito capaz de atuar no processo em que aprende e de ser parte ativa dos processos de subjetivação associados à sua vida cotidiana. O sujeito se expressa na sua reflexividade crítica ao longo de seu desenvolvimento;
- O processo de desenvolvimento não pode ser compreendido como conjunto de aquisições ordenadas, que, de forma progressiva e fragmentada, permitem novas operações do sujeito, mas como um processo extremamente complexo em que, de forma simultânea, apresentam-se elementos constituídos, que estão além da capacidade de simbolização dos sujeitos implicados, e elementos construídos que, adquirem sentido pela emocionalidade do sujeito comprometido nessa construção. Isso faz do desenvolvimento um processo contraditório e não linear, que não pode ser reduzido a um padrão. Compreendemos o desenvolvimento, dessa forma, como processo vivo e contraditório, em que sentidos subjetivos de diferentes procedências sociais se configuram no processo dialógico do sujeito em seus diferentes espaços sociais.

Como resultado, a inclusão do tópico da subjetividade em educação permite “visualizar” novas zonas de sentido desse processo, o que tem uma influência direta na compreensão da pesquisa nesse campo.

Na pesquisa em educação, apesar das mudanças que têm sido apresentadas nos últimos dez anos (Ludke e André, 1986; Kincheloe, 1991 e outros), ainda é dominante uma tendência objetivo-analítica, mais orientada para o estudo de funções pontuais do que para a construção de modelos teóricos que permitam apreender em toda sua complexidade os processos de subjetivação implicados nos processos educativos.

A linha experimental, quantitativa e objetiva, orientada mais para o estudo de funções analíticas, não permite o estudo dos processos e das formas subjetivas de organização associadas ao processo de educação. A metodologia de pesquisa tem que responder à definição do tema a ser pesquisado. Nesse caso, o tema da subjetividade em educação define necessidades epistemoló-

gicas e metodológicas específicas, que, de forma geral, são compatíveis com os princípios fundamentais contidos em nossa definição da Epistemologia Qualitativa (González Rey, 1997).

A pesquisa qualitativa que assume os princípios da Epistemologia Qualitativa se caracteriza pelo seu caráter construtivo-interpretativo, dialógico e pela sua atenção ao estudo de casos singulares. O processo de construção teórica das configurações e dos processos subjetivos presentes na educação, tanto em nível social como individual, tem que ser desenvolvido dentro da própria processualidade da constituição subjetiva do sujeito e dos processos sociais dentro dos quais sua experiência tem lugar.

A pesquisa qualitativa que propomos para o conhecimento da subjetividade enfatiza o caráter teórico sobre o empírico, assim como a construção sobre a descrição. Nesse sentido, a pesquisa educativa orientada para a compreensão dos aspectos subjetivos desse processo, deve caracterizar-se pelos seguintes aspectos:

- O empírico é um momento de confronto, diálogo e contradição entre a teoria e a expressão dos processos estudados, mas não uma condição de verificação do conhecimento, o qual mantém uma processualidade que não permite encurralar pontualmente as idéias em espaços de verificação empírica;
- A teoria acompanha todo o processo de pesquisa, sendo a real teia de fundo da pesquisa. A teoria aparece como viável na medida em que acompanha o diálogo constante com as formas sob as quais aparecem as manifestações empíricas dos processos estudados. Só o desenvolvimento de modelos de pensamento, no curso da pesquisa, permitirá visualizar expressões empíricas que possam ser consideradas na construção teórica dos processos e formas de organização da subjetividade implicadas nos processos de educação;
- O diálogo aparece como momento essencial da pesquisa. Os processos subjetivos complexos só aparecem na medida em que os sujeitos estudados se expressam através de sua implicação pessoal, aparecendo na pesquisa através de suas próprias construções, que avançam e se enriquecem no diálogo permanente com o pesquisador e no próprio diálogo dos sujeitos pesquisados entre si.

A partir disso, a motivação dos sujeitos e seu envolvimento na pesquisa passam a ser momentos essenciais no desenho de trabalho do pesquisador. Esse tem que participar, provocar, conversar, enfim, manter-se ativo num diálogo que introduz de forma permanente novos aspectos aos problemas-objeto da pesquisa. O pesquisador se surpreende ante o novo que o desafia de forma permanente no desenvolvimento de novas construções teóricas que, por sua vez, são geradoras de novos momentos empíricos.

- Os instrumentos são apenas indutores de informação, que estimulam a expressão dos sujeitos estudados e facilitam seu deslocamento do lugar de onde falam, o que implica que, de forma permanente, entrem em novas zonas de sua experiência;
- Os sujeitos singulares, ou estudo de casos, viram um procedimento essencial na construção teórica da questão da subjetividade, em primeiro lugar porque neles aparecem elementos singularizados dos processos estudados, que nunca apareceriam ante instrumentos padronizados. Portanto, o estudo de casos permite a construção teórica de aspectos diferenciados do estudado, que só aparecem em nível singular. Além disso, os casos singulares são importantes por serem portadores da riqueza diferenciada da multiplicidade de formas sob as quais aparece a constituição subjetiva dos processos estudados. Nesse enfoque se valoriza o sujeito individual concreto, tanto em sua história, quanto em sua capacidade de reflexão e construção;
- Na pesquisa qualitativa orientada para a construção dos aspectos subjetivos envolvidos nos diferentes níveis dos processos educativos, são importantes, tanto os aspectos formais da pesquisa, que definimos como aqueles momentos programados pelo pesquisador, como os aspectos informais, que são situações não esperadas, que aparecem como expressão da própria situação social da pesquisa;
- Os processos de construção teórica acompanham o tempo todo o trabalho do pesquisador. O domínio da cultura empírica gera uma dicotomia entre coleta e interpretação dos dados, mesmo que ambos os momentos estejam centrados nos dados. Na pesquisa qualitativa, o processo gerador de idéias e os processos construtivos do pesquisador são centrais e têm lugar em qualquer momento da pesquisa;

- A pesquisa apoiada na Epistemologia Qualitativa tem, entre seus objetivos essenciais, a produção de modelos teóricos complexos e dinâmicos, capazes de gerar inteligibilidade em complexos processos da subjetividade humana, que são inacessíveis nas metodologias tradicionais.

A pesquisa qualitativa que propomos tem como objetivo o estudo do momento subjetivo dos diferentes processos e formas de organização subjetiva associados com a educação. A subjetividade apresenta-se como definição ontológica de uma representação histórico-cultural da psique, através da qual são superadas as dicotomias e fragmentações que, de forma histórica, têm orientado o tratamento dos aspectos psíquicos na educação. Essas reflexões orientam-se para a superação de uma dicotomia entre psicologia e educação que, durante muito tempo, apareceu com muita força. Nessa dicotomia, mesmo que a psicologia e a educação fossem compreendidas como sistemas de práticas e instrumentos, seus objetos eram completamente diferentes: a psicologia se orientava para o estudo dos indivíduos e a educação se orientava mais para os processos didáticos dominantes na prática de ensino-aprendizagem na escola.

A pesquisa, sob a nova perspectiva apresentada neste trabalho, visa dar sentido a problemas novos, que possam passar a constituir novas representações sobre a educação e suas diferentes áreas.

Resumo

Neste artigo, o autor discute o tema da subjetividade, colocando o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual. Discute também as implicações dessa colocação para a pesquisa em educação.

Palavras-chave: subjetividade; pesquisa em educação; pesquisa qualitativa.

Abstract

The author discusses subjectivity, placing the individual and society in a unitary relation, in which both appear as moments of the social subjectivity and individual subjectivity. He also discusses implications of this approach for research in education.

Key-words: subjectivity; research in education; qualitative research.

Resumen

El autor de este artículo discute la cuestión de la subjetividad, de manera tal que individuo y sociedad aparecen en una relación indivisible, pues ambos son momentos de la subjetividad social y de la subjetividad individual. Asimismo, discute las implicaciones que dicha postura tiene para la investigación en educación.

Palabras claves: *subjetividad; investigación en educación; investigación cualitativa.*

Referências

- Duveen, G. (2000). "Introduction to social representations". In: Duveen, G. (comp). *Explorations in social psychology*. Paris, Press Ecoledes Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- _____ (2000). "Representations, identities, resistance". In: Deaux, K. e Philogene, G. (comps). *Social representations: introduction and exploration*. Oxford, Blackwell.
- González Rey, F. L. (1997). *Epistemologia cualitativa y subjetividad*. São Paulo, Educ.
- Kincheloe, J. (1991). *Teachers as researches. Qualitative inquiry as a path to empowerment*. London, Farmer Press.
- _____ (1994). "Rethinking critical theory and qualitative research". In: Denzin, N. e Lincoln, Y. *Handbook of qualitative research*. New York, Sage Publications.
- Ludke, M. e Andre, M. E. D. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU.

Fernando Luis González Rey

Doutor em Psicologia

Professor do IESB e do UniCEUB

Pesquisador senior da Unb